

**INTELECTUAIS E HISTÓRIA:  
EXPERIÊNCIAS, GERAÇÕES E MEDIAÇÕES**

ERIVAN CASSIANO KARVAT\*  
VALERIA FLORIANO MACHADO\*\*

A *história intelectual*, campo historiográfico que parece ter sido *menor* e com pouco reconhecimento até alguns anos passados, hoje se apresenta, indiscutivelmente, como sendo de grande interesse, congregando diferentes iniciativas de trabalho e significativo número de pesquisadores. Veja-se a reforçar tal argumento, por exemplo, o interesse demonstrado neste *XXVIII Simpósio Nacional de História* em relação ao tema e que aparece, objetivamente, em 5 diferentes propostas de ST's: *Intelectuais e História: experiências, gerações e mediações*, para o qual este texto pretender servir de “abertura” às discussões; *Estado e Intelectuais no Brasil – Teoria e Metodologia de Pesquisa em desafio permanente (séculos XIX e XX)*; *Intelectuais e mediação cultural (séculos XIX e XX)*; *Intelectuais, poder e idéias políticas no Brasil* e, por fim, *Intelectuais, Sociedade e Política: memórias e biografias*. De mesma forma, o interesse atual sobre os chamados *intelectuais* – sobre sua produção, suas trajetórias, seus dilemas e biografias, entre outras temáticas concernentes ao assunto e para se falar pouco – revela-se como objeto presente e privilegiado de diversas análises históricas.<sup>1</sup>

Cabe salientar, neste sentido, que tal ampliação e legitimação do campo e do tema, que se expressa, entre outros, no sugestivo crescimento de produções na área, decorre – ao mesmo tempo que implica – no reconhecimento do papel e da importância do debate interdisciplinar/multidisciplinar para sua efetivação, uma vez que (para) tal problematização se encontra numa região fronteiriça. Por isto, entende-se, o trato com o tema – e seus desdobramentos – exige que pensemos, inevitavelmente, sobre o “lugar” de nossa enunciação/problematização, bem como

---

\* Prof. Dr. (em História) Dep. de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

\*\* Prof. Dra. (em Sociologia) Dep. Teoria e Fundamentos da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

<sup>1</sup> De mesma forma, para se perceber a expansão do interesse em torno da temática, pode-se verificar o número de Grupos de Pesquisa registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa na Plataforma Lattes – a partir do que se pode ter uma idéia da produção geral da área: uma pesquisa rápida – feita em junho de 2015 – (pesquisa parametrizada) com o termo *intelectuais* revela 149 grupos e com *História Intelectual*

impõem que reflitamos sobre nosso próprio tempo. Todavia, se dessa aproximação interdisciplinar, que o objeto parece solicitar, por um lado, decorre sua própria riqueza, possibilitando o diálogo entre diferentes perspectivas de trabalho e abordagens, por outro, conseqüentemente, provoca também seus problemas uma vez que, localizando-se num ponto de cruzamento entre saberes de tradições distintas, gera a dificuldade de delimitação ou precisão conceitual e/ou metodológica (KARVAT; FLORIANO, 2011). Neste sentido, ainda, cabe observar que tal interesse pela História Intelectual é indicativo de transformações que afetaram a própria escrita da história – e, não menos, as ciências sociais de maneira em geral – ao longo do século XX, principalmente em suas últimas décadas e que redefiniu problemas, perspectivas e orientações, possibilitando a formulação daquilo que podemos chamar de novas *formas de se ver, pensar e fazer história* (DOSSE, 2004). Assim, pode-se dizer, neste movimento de discussão acerca da escrita histórica também redefiniram-se novas práticas inter e/ou multidisciplinares, contribuindo para a “pluralidade de enfoques teóricos, de recortes temáticos e de estratégias de investigação” que animam incisivamente toda produção historiográfica e, em particular, a História Intelectual (ALTAMIRANO, 2007:10).

História devotada a questões pertinentes aos séculos XIX-XXI, a História Intelectual coloca em evidência novos interesses – a par dos já mencionados novos problemas, perspectivas e orientações – como, por exemplo, sua vinculação à uma *nova* história política. Talvez em relação a isto – sobre esta temporalidade e sobre esta vinculação – se estabeleça um horizonte daquilo que se pode (ou se deve) problematizar em torno deste campo historiográfico. Isto decorre, entende-se, em função da própria historicidade do ator-núcleo desta História, o *intelectual*, tomado como figura histórica (portanto, dotado de historicidade e, assim, *datado*), personagem emblemático das contendas da modernidade, revelador de novas conformações, orientações, sociabilidades, disputas e meios (CHARLE, 2003). Neste sentido, observe-se, o cuidado com o uso da denominação é revelador também de um cuidado com o rigor do enfrentamento de questões históricas, pois evita o uso de *naturalizações* ou *essencializações*: o intelectual – sua atitude e representações são históricas, portanto assim deve ser tratado. Por outro lado – ou justamente por isto inspirado – a História Intelectual tal como praticada se afastou do viés puramente

biográfico ao mesmo tempo que passava a se preocupar com o estudo de trajetórias e sociabilidades, num movimento que, buscando evitar a exaltação laudatória (e não poucas vezes, anacrônica ou *ahistórica*), promove a historicidade desta personagem, vinculando-a ao tempo histórico e espaços sociais – estes sempre preñes de tensões, conflitos e disputas. Parece que assim, afastamo-nos de uma história que *retirava* o personagem da ambiência social, pintando-o com tintas de super-herói ou gênio, para restituir-lhe um lugar histórico-social e, dessa forma, político. Neste mesmo movimento, busca-se suprimir uma história que salientava as *ideias*, essencializando-as. Ao contrário, mais que buscar revelar ideias, seus modelos ou exceção, busca promover sua historicidade, apontando-se para o movimento de sua produção (social – histórica!) e para os efeitos de sua circulação e apropriação, efeitos estes sempre inseridos na perspectiva política e, portanto, de tensões, conflitos e disputas – como acima apontado. Neste sentido, portanto, entende-se a pertinência daquilo que podemos pautar como *problemas* norteadores da (ou para a) História Intelectual: trabalho intelectual e circulação – apropriação de ideias, trajetórias, mediações e sociabilidades intelectuais, experiência política. Da mesma forma, apontados estes *problemas*, entende-se a natureza multi e interdisciplinar de tal campo e sua recorrência na promoção do diálogo e do debate entre diferentes disciplinas.

Entendendo-se, com PANIZZOLO (2011:76), que a História Intelectual, “visa (...) dois pólos de análise de um lado o funcionamento do campo, suas práticas, suas regras de legitimação, seus habitus e suas estratégias, e de outro lado as características de um momento histórico e os modos de funcionamento e atuação da comunidade intelectual”, pode-se propor que – por isso (ou além disso) – sua ambição é a de “elucidar a formação, a produção, a circulação e a recepção das ideias e conhecimentos”, apreendendo “tanto as ferramentas de análise como os mecanismos de transposições intelectuais constitui, por consequência, seu objeto de análise” (RODRIGUES, 2010:5). Assim, se os “elementos componentes” de uma História Intelectual, ainda conforme reflexões de Helenice Rodrigues, tocam questões referentes à produção de/das obras, a posição de seus autores e “as respectivas inscrições nos contextos emergentes (culturais, intelectuais, históricos)”, cabe observar que análises redutoras e simplistas devem ser evitadas – algo que parece ser consensual dentre as várias possibilidades e orientações da História Intelectual, que se recusam à restringir-se “unicamente às leituras internalistas/e/ou externalistas dos

textos, privilegiando a interconexão entre contextualismos e análise das obras.” Neste ponto é necessário que recordemos, com Heloísa Pontes, que, “a título de sistematização precária”, pode afirmar que “duas são as posturas que recortam esta área” (a História Intelectual): uma *internalista* e outra *externalista*. Em outros termos, a primeira visaria “principalmente uma análise interna das obras e dos produtos culturais, os quais têm inteligibilidade assegurada no sistema interno de sua produção” enquanto a segunda, ao contrário, sobretudo por “razões externas”, sendo seu foco voltado às “condições sociais de produção das obras e não na forma de seus conteúdos substantivos” (PONTES, 1997).

O que assim parece ser indicativo de uma orientação no campo dos estudos de uma História Intelectual é, aproveitando-se das possibilidades das orientações acima apontadas, promover um diálogo entre ambas e, superando seus entraves e vacilações, promover a observância da própria *vida intelectual*, não descuidando da articulação entre produção/promoção das idéias e sua circulação/apropriação ou entre o papel de seus produtores – o ator *intelectual* – e sua trajetória e inserção histórica e social e a ação desta inserção/trajetória na produção de sua obra, entendendo-se isto como fundamental, inclusive, para a própria compreensão tanto desta (obra) como para o entendimento do papel de seu produtor.

Uma possibilidade de superação da dicotomia acima esboçada – entre abordagens *internalistas* e *externalistas* – parece ser apontada pelo sociólogo Fernando Antonio Pinheiro Filho. Segundo seu entendimento, “as análises sobre os intelectuais, a partir da segunda metade do século XX, tendem a procurar mediações entre o projeto pessoal e sua acomodação na sociedade” (2011: 307). Tal observação, referindo-se ao trabalho de investigação em torno das “mediações entre o projeto pessoal – de intelectuais – e sua acomodação na sociedade”, remete-nos ao *problema do lugar social* ocupado por estes (intelectuais) e, não menos, também, acerca do *lugar social* ocupado pela própria produção intelectual. Talvez aí se inscreva, modestamente, uma direção para se pensar o alcance (e projeto) da História Intelectual – e, não menos, de Intelectuais, uma vez que o que se impõem, portanto, em relação ao *projeto pessoal* e sua *acomodação* e, principalmente, a *intermediação* entre ambos – remete-nos à própria dimensão política da figura do intelectual e de sua atividade – dimensão precípua às próprias formulações de uma História Intelectual. Como nos lembra Sirinelli, a atenção devotada à história dos intelectuais – e diríamos,

à própria história intelectual *in totum* – permitiu “a constituição de um campo historiográfico num outro registro, na encruzilhada do cultural e do político” (1998: 259). Assim, o intelectual – circunscrito social e historicamente e pensado a partir da sua vinculação ou pertencimento – apresenta-se, além de produtor de ideias, como receptor (ou intermediador), posto que é necessário que se lembre, o “meio intelectual não é um simples camaleão que toma as cores ideológicas do seu tempo” mas, ao contrário, concorre para colorir o seu ambiente”(Sirinelli, 1996, p. 265). Daí se abrem, por exemplo, as ênfases sobre o emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli (e/ou elites culturais) e que sugerem efetivas possibilidades de aproximação ao tema e de análise (Sirinelli, 1996, p. 245).

Assim, tomando-se a História Intelectual a partir, de pelo menos, sua função em restituir as idéias aos seus devidos *lugares* e elucidar “os contextos de produção e de recepção” de obras, permitindo “uma melhor apreensão dos universos intelectuais” (SILVA, 2002:13), supõe-se que a *problematização* em torno de intelectuais, sua produção (e a circulação desta produção) – e portanto, sobre sua recepção/apropriação/(re)significação/transferências, permite um melhor enfrentamento de questões vinculadas à temática, pois possibilita uma melhor compreensão da conformação dos grupos e círculos intelectuais – e de seus sujeitos –, principalmente se percebida a partir da própria “auto-tematização” por parte de seus atores e da constituição de uma semântica própria. Enfim, do ponto de vista de uma História Intelectual, faz-se necessário problematizar a própria constituição dos discursos sobre as noções de itinerário (ou trajetória), geração, sociabilidade e elites culturais, vendo-as como resultante de embates e da experiência histórica fundamentadora de diferentes grupos e círculos itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli (e/ou elites culturais) tanto presentes quanto passados, focando a circulação desses termos e sua historicidade (MACHADO; KARVAT, 2012).

Neste sentido, para finalizar, pensar as possibilidades da *problematização* em torno de um conceito como, por exemplo, *geração* supõe, antes de mais nada, a possibilidade para a abertura ao, já nomeado, debate inter e multidisciplinar. Tal como, de mesma forma, exige qualquer mirada sobre as questões vinculadas ao universo da(s) história(s) intelectual/intelectuais, cremos. Assim, como queria Mannheim e parafraseando-o, se “o problema das gerações é importante o suficiente

para ser seriamente considerado”, não menos o é o da relação da experiência geracional e sua ação sobre as trajetórias e, portanto, sobre as vinculações e os embates entre grupos (intelectuais) e (suas) ideias. As gerações, sua *conceptualização* e *problematização*, possibilitam, assim – de maneira ampliada – interfaces com a história e a historiografia, seja a partir da vinculação, aqui posta, com a História Intelectual, seja através de sua historicização e da vinculação com a constituição de diferentes discursos da historiografia ao longo dos séculos XIX e XX. Assim, se a menção e o reconhecimento da reflexão de Mannheim se faz incontornável – e se também faz-se necessária a lembrança a uma espécie de metafísica das gerações, presente em Ortega y Gasset (1989) e em Julián Marías (1964) – para observar a importância do tema para o século XX, aponte-se que o termo carrega vinculações com os discursos historicistas, transparecendo inclusive em expressões como vida histórica e experiência histórica. Ainda que o desenvolvimento de uma Teoria das Gerações só ocorra tardiamente, o uso do termo – ainda que conceitualmente impreciso – ocorre em um Ranke, que “no sabía en rigor que es una generación” (MARIÁS, 1967: 68), permitia a fundamentação de uma história contrária às divisões tradicionais e, principalmente, crítica ao “progressismo” e na/para a qual a “substantividade de cada época histórica poderia ser apreendida a partir da ação de suas gerações; e da mesma forma, o uso da expressão ocorre em um Dilthey – que se aproxima de um bosquejo acerca da “estrutura das gerações” tomada como a denominação para “uma relação de contemporaneidade de indivíduos” (MARIÁS, 1967: 64), chamando atenção para a ideia de “um tempo experimentado em comum” (WILLIAMS, 2007: 191).

Tomando-se a história intelectual a partir, de pelo menos, de sua função em restituir as idéias e elucidar “os contextos de produção e de recepção” de obras, permitindo “uma melhor apreensão dos universos intelectuais”, como já apontado a partir do texto de Helenice Rodrigues (SILVA, 2002), supõe-se que a *problematização* em torno das gerações permite um possível enfrentamento de questões vinculadas à temática, pois possibilita uma melhor compreensão da conformação dos grupos e círculos intelectuais, principalmente se percebida a partir da própria “auto-tematização” por parte de seus atores e da constituição de uma semântica própria, resultante do, acima apontado, “tempo experimentado em comum”. Enfim, do ponto de vista de uma História Intelectual, faz-se necessário, em



consonância com as possibilidades da História dos Conceitos, problematizar a própria constituição dos discursos sobre a Geração, vendo-a como resultante de embates e da experiência histórica fundamentadora de diferentes grupos e círculos, focando a circulação desse termo e sua historicidade (MACHADO ; KARVAT, 2012).

Talvez ainda hoje se faça necessário reconhecer que a História Intelectual implica numa paisagem “mais abundante que estruturada” (ALTAMIRANO, 2007:10). Contudo, as possibilidades que se têm aberto com as lidas de tal campo – que clamam e exigem o trato multi/interdisciplinar – acenam para a renovação de interesses. Deste modo e por certo, tal produção é sintomática das preocupações superpostas pelo próprio tempo presente, servindo inclusive de indicador para o reconhecimento e problematização destas mesmas preocupações. Assim, se tal campo – sua expansão e conformação – tem sido tributário de transformações e possibilidades que têm afetado a historiografia e as ciências sociais, tem sido ele também, responsável por fazer incidir sobre estas novas formas de compreensão da *vida intelectual*, seus personagens e suas relações. *Vida intelectual* que somente se faz compreender no entrelaçamento entre a história (intelectual) e a sociologia e que é fundamental para que exercitemos a reflexão acerca dos nossos próprios interesses, mazelas, disputas e modos de agir, além das já apontadas *formas de se ver, pensar e fazer história*; exercício fundamental, enfim, para o reconhecimento e compreensão de nossa própria *vida intelectual* e, assim, de nosso tempo e *lugar*.

#### Referências Bibliográficas

ALTAMIRANO, Carlos. Para um programa de história intelectual. **Tempo social**: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1. Junho de 2007. p. 9-17.

CHARLE, Christophe. Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860-1898). **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, set. 2003. p. 177-189.

DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2004.

KARVAT, E. C. ; MACHADO, Valeria Floriano. Intelectuais, um conceito: observações sobre uma alegoria sociológica (e histórica) escorregadia. In: **Anais do II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades**, 2011, Ponta Grossa. II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades. Ponta



Grossa: Aos Quatro Ventos, 2011. p. 447-463.

MACHADO, Valeria Floriano ; KARVAT, E. C. . Geração e Intelectuais: reflexões em torno do 'problema das gerações' e a história intelectual. In: **XIII Encontro Estadual de História**, 2012, Londrina. XIII Encontro Estadual de História. Anais.. Londrina, 2012. v. 2. p. 938-948.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **REIS: Revista espanola de investigaciones sociológicas**, Centro de Investigaciones sociológicas, Madrid, v. 62, abril-junio 1993. p. 193-242.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In. FORACCHI, Marialice, M. (org.). **Mannheim: sociologia**. São Apulo: Ática, 1982. p. 67- 95. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 25).

MARÍAS, Julián. **La estructura social: teoria y método**. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones. 1964.

MARÍAS, Julián. **El método histórico de las generaciones**. 4. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1967.

ORTEGA Y GASSET, José. **Em torno a Galileu: esquema das crises**. Petrópolis: Vozes, 1989.

PANIZZOLO, Cláudia. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. **Ponto e vírgula: revista do programa de estudos pós-graduados em ciências sociais da PUC-SP**, São Paulo, 10, 2011. p. 74-88.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição. In. BOTELHO, A. ; SCHWARCZ, L. M. (orgs.). **Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 302-313.

PONTES, Heloísa. Círculos de intelectuais e experiência social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, jun. 1997. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_34/rbcs34\\_04.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_04.htm). Acesso: 17/09/2010.

RODRIGUES, Helenice. Apresentação. História intelectual: idéias e conhecimentos: produção, circulação, transmissão. **História: questões e debates**, Curitiba, ano 27, n. 53. Jul./ dez. 2010. p. 5- 8.

SILVA, Helenice Rodrigues da. História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In. **Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. Campinas: Papirus, 2002. p. 11-27.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In. Rémond, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In. Rioux J.-P. ; Sirinelli, J.-F. (orgs.).



**Para uma história cultural.** Lisboa: Estampa. p. 259-279.

WILLIAMS, Raymond. Geração. In. **Palavras-chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 191-193.